
Fotojornalismo em crise? Correlações entre processos de convergência e condições de trabalho de repórteres fotográficos¹

Anderson José da Costa COELHO²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O texto é uma análise sobre o processo de convergência digital e o impacto nos modos de trabalho no fotojornalismo. Se pauta nos relatos de profissionais no podcast “Boletim de Martin”, através da Análise Estrutural do Podcast (Silva, 2022) e nos relatórios publicado pela Instituto Reuters em parceria com prêmio World Press Photo, estabelecemos um paralelo comparativo entre os fotojornalistas brasileiros e estrangeiros e suas relações de trabalho. Como resultado, verificamos que o ambiente de convergência propõe condições desafiadoras aos trabalhadores do fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Convergência; fotojornalismo; podcast; análise estrutural do podcast; condições de trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar como a prática do fotojornalismo foi submetida a mudanças e revisitada em suas práticas e relações de trabalho através das noções atuais de teoria dos estudos de jornalismo (Deuze, 2005). O fotojornalismo foi diretamente afetado pela convergência digital, pois, a rotina de produção de informação também foi intensamente rearranjada.

Dada as novas possibilidades com a convergência digital, o fotojornalismo, agregou novas ferramentas, suportes e mídias, assim, a fotografia em si não é mais ente principal e sim mais uma das várias possibilidades visuais dentro da estrutura da webreportagem. A digitalização, afetou profundamente as práticas e culturas das instituições jornalísticas (Steensen; Ahva, 2021), legando assim ao fotojornalismo uma crise de identidade ontológica devido a seu papel no processo de convergência digital (Silva Junior, 2011).

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Fotojornalista e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGJor/UFSC, e-mail: andersoncoe@gmail.com

Dessa forma, questionamos, em que medida as mudanças trazidas pelo meio digital afetam o exercício do fotojornalismo dentro das relações de trabalho.

Como objeto de pesquisa, analisamos o podcast “Boletim de Martin” do fotógrafo Pedro Chavedar, do ano de 2021, publicado na plataforma Spotify. Em 27 episódios, o autor conversou com fotojornalistas brasileiros de diversos ramos da imprensa sobre pautas e práticas de trabalho. Escolhemos quatro episódios e o confrontaremos com dois relatórios publicados pelo Instituto Reuters em parceria com o prêmio World Press Photo, “The State of News Photography: The Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age” (Hadland; Campbell; Lamberth, 2014) e o “The State of News Photography 2018: photojournalists attitudes toward work practices, technology and life in the digital age” (Hadland; Barnett, 2018) que abordam as condições de trabalho de fotojornalistas pelo mundo.

Com base no material, analisamos os paradigmas atuais dos fotojornalistas, as mudanças conceituais na linguagem do fotojornalismo e os desafios enfrentados na prática jornalística em um contexto de convergência e uso digital. A compreensão desses processos é crucial dada a situação atual do fotojornalismo nos ecossistemas midiáticos

1. FOTOJORNALISMO E CONVERGÊNCIA DIGITAL

A prática do fotojornalismo sempre teve aliada as constantes evoluções tecnológicas e mudanças sociais. Assim, o exercício do jornalismo foi diretamente afetado pela convergência digital, pois além da linguagem, a rotina de trabalho e suas relações foram intensamente reorganizadas.

Originalmente, o fotojornalismo é o ramo que busca através da imagem um equilíbrio entre “a busca da objetividade e a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão (...) entre o valor noticioso e a estética” (SOUZA, 2004, p. 14). Assim, no decorrer da evolução da linguagem do fotojornalismo, se estabelece como ramo da fotografia, que transmite a notícia por imagens estáticas, vinculada de forma ética aos fatos acontecidos, no entanto, se vê num limite fronteiro e entre a arte e a subjetividade num suporte de código aberto (imagem). Dada as novas possibilidades, o fotojornalismo se tornou aberto a agregar novas ferramentas, suportes e mídias, assim entramos numa nova seara onde a fotografia não é mais ente principal (ou estático) e sim mais uma das várias possibilidades numa reportagem.

Dessa forma, o fotojornalismo vive hoje um momento singular, entre a crise de identidade e uma nova reconfiguração, devido ao contexto de convergência, que é “um fenômeno que se implementa em numerosos veículos jornalísticos, condensando as dinâmicas em torno das tecnologias da informação, telecomunicações e de mídia” (SILVA JUNIOR, p.33, 2011).

A convergência no jornalismo e sua produção não são estáticas ou abrange somente o resultado do processo jornalístico, não parte de um conceito único (SALAVERRIA, 2010) e sim altera toda a cadeia produtiva desde os financiadores dos media, estrutura tecnológica para produção jornalística, plataformas de onde vamos publicar o conteúdo e o profissional que elabora o conteúdo, no caso o fotógrafo que vai ter que se adaptar a um novo panorama, produzindo material e interagindo com novos suportes. Certamente toda essa alteração da estrutura produtiva jornalística, vai refletir em sua recepção e consumo (JENKINGS, 2009; SILVA JUNIOR, 2011).

A partir do processo da entrada do digital no fotojornalismo, iniciou-se um processo de reconfiguração do fotográfico, métodos de trabalho e de toda a cadeia de produção, publicação e divulgação das imagens jornalísticas. Esse processo afetou profundamente as práticas e culturas das instituições jornalísticas (STEENSEN & AHVA, 2021), a grande dúvida é como o fotojornalismo se posiciona nesse panorama.

A ligação cada vez mais profunda entre a tecnologia e o jornalismo transformou a produção, distribuição e consumo de notícias, dando origem a formas de trabalho que estão inerentemente ligadas à tecnologia e alterando a forma como os acadêmicos estudam o jornalismo. Assim, as últimas inovações se entrelaçam com o jornalismo, não como uma influência unidirecional, mas numa interação dinâmica, moldando e sendo moldada por estruturas sociais, valores culturais e práticas organizacionais dentro do campo jornalístico (ZAMITH & BRAUN, 2019). Na próxima seção veremos novas percepções de trabalho do fotojornalismo através do processo de convergência e seus impactos dentro da estrutura de trabalho.

2. NOVAS PERCEPÇÕES SOBRE OS MODOS DE TRABALHO COM FOTOJORNALISMO DENTRO DE UM PROCESSO DE CONVERGÊNCIA

Com o advento do processo de digitalização e convergência, ocorreram mudanças significativas para as condições de trabalho dos fotojornalistas. Em aspectos gerais, a

natureza do trabalho mudou drasticamente, com a introdução de novas tecnologias e plataformas, exigindo que os fotojornalistas tivessem uma urgência de adaptação e de resposta a essas inovações, segundo o relatório elaborado pela Universidade de Stirling a pedido do Instituto Reuters “The State of News Photography: The Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age” em livre tradução, “O estado da fotografia jornalística: Meios de subsistência dos fotojornalistas na era digital”, afirma categoricamente no seu início que os fotojornalistas profissionais estão em alto risco de vulnerabilidade, isso vinculado ao país onde estão baseados, grande parte trabalham por conta própria (60%) e se pudessem somente fotografar uma pauta (93%) o fariam. Mas um terço exerce ambas as funções (fotógrafo e cinegrafista) por questões de necessidade (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015). Os resultados foram coletados de mais de 1500 fotojornalistas de mais de 100 países durante o certame do World Press Foto de 2015³, através de questionário *online*.

Essa nova ambientação de plataforma de trabalho, praticamente todo eminentemente digital, trouxe vários outros novos panoramas que os fotojornalistas foram compulsoriamente levados para vivenciar. Sobre condições de trabalho, grande parte atua como *freelancers* (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015), levando em consideração a realidade brasileira, não é diferente, segundo o “Perfil do Jornalista Brasileiro” (LIMA & MICK, 2021). Foi realizada uma ampla pesquisa em escala nacional que entende que “a ‘crise’ ou a (in)sustentabilidade do jornalismo atual é o aspecto mais visível de uma cadeia de relações sociais afetadas por fenômenos tecnológicos, estéticos, econômicos e políticos (LIMA & MICK, 2021, p.19). Ou seja, é um fenômeno em grande escala que atinge a classe jornalística, e conseqüente os fotojornalistas, que tem em seu estatuto não somente de raiz financeira ou tecnológica, mas também ontológica, seu processo de realizar a atividade jornalística. Entendemos que esses processos implicam diretamente nas organizações de trabalho e suas relações.

Além da falta de vagas para trabalho formal no fotojornalismo, muitos deles lutam por justos pagamentos pela prestação de seus serviços. Segundo o terceiro relatório sobre o estado da fotografia jornalística, “The State of News Photography 2018: photojournalists attitudes toward work practices, technology and life in the digital age”,

³ O World Press Foto, <<https://www.worldpressphoto.org/>> é uma das maiores premiações de fotojornalismo do mundo, busca elencar os trabalhos fotojornalísticos mais impactantes dentre várias áreas do fotojornalismo durante o ano em curso. É um termômetro para o que se tem feito e qual foram os grandes temas que foram relevantes na pauta jornalística mundial.

se concluiu que perto de 40% dos fotojornalistas entrevistados admitem que sua situação financeira é “difícil” ou “muito difícil” (HADLAND; BARNETT, 2018). E que o número de fotógrafos de notícia que trabalham em tempo integral com fotografia diminuiu desde a primeira edição do relatório, 74% em 2015 para 59% em 2018. (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015; HADLAND; BARNETT, 2018).

Além desse cenário de precarização de condições formais de trabalho e estabilidade financeira, a convergência digital exerce pressão por constantes atualizações de equipamentos, a exemplo temos a popularização dos drones para reportagens, além da experiência em fotografia, agora esses profissionais têm que estar familiarizados com uma gama de novos softwares de edição e plataformas de mídias sociais.

Segundo Hadland (2018), os fotojornalistas, imersos no processo de convergência, precisam ser mais adaptáveis as circunstâncias, aceitando diversos tipos de trabalho que não necessariamente envolvam jornalismo, desde a docência até editais e exposições, principalmente tendo uma vida ativa nas redes sociais para se posicionarem e serem vistos, pois em tese atrairia mais oportunidades de trabalho.

Outro fato interessante que se correlaciona com o processo de convergência diz respeito ao fato que os fotojornalistas entrevistados cada vez mais eram impelidos pelos seus contratantes a realizar gravação de vídeo embora preferissem fotografar, 40% dos entrevistados (HADLAND, 2018), e por experiência pessoal de quem escreve esse artigo, grande parte se deparam por uma questão de sobrevivência a integrar os vídeos em suas produções, bem como se adaptar a diversos formatos. Mas como afirma o relatório, parte dessa entrega de material não é devidamente remunerada (HADLAND; BARNETT, 2018), e uma dupla carga de trabalho (fotografar e filmar) e muitas das vezes sem a devida remuneração adequada.

Além de todos os desafios apresentados, o impacto da convergência digital, e todas as situações que a advém, grande parte dos entrevistados veem esse panorama como novos campos de oportunidade para inovação e criatividade, pois da forma que continuamos a enveredar por esse ecossistema jornalístico digital, é necessário que se tenha uma contínua exploração desse novo cenário e suas mudanças, a fim de afiançar a sobrevivência do fotojornalismo.

Pois a cultura imagética que vivemos será mandatária nesse mundo digital e sempre haverá demanda por narrativas visuais profundas e de qualidade. A digitalização

no fotojornalismo proporciona um cenário desafiador para os fotojornalistas e se faz urgente entender como a convergência atinge a classe (HADLAND, 2018).

Esses dados sugerem que o fotojornalismo se encontra numa posição delicada e frágil laboralmente falando, por conta das precárias situações de trabalho. No relatório de 2018 cerca de 65% dos entrevistados afirmaram que se sentiam cansados pelo ritmo de mudanças tecnológicas (HADLAND; BARNETT, 2018). Esses tópicos serão desenvolvidos com maior desenvoltura na próxima seção do artigo que trata da análise do podcast “Boletim de Martin” através da fala dos entrevistados.

3. ANÁLISE AUDIOESTRUTURAL DO PODCAST “BOLETIM DO MARTIN”

Nesta seção vamos estabelecer uma metodologia para poder analisar o podcast Boletim do Martin, e dessa forma poder situar o fotojornalismo brasileiro com a situação que foi explicitada na seção anterior com os relatórios do World Press Foto sobre o estado da fotografia fotojornalística.

Dessa forma, utilizaremos a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP) de autoria da pesquisadora Gessiela Silva, que em sua dissertação desenvolveu esse método para analisar o podcast Mamilos (SILVA, 2022), através de três fases distintas: uma bibliográfica, onde se estabelece um estado da arte sobre o tema; documental, onde se busca fontes externas ao podcast para poder situar melhor o objeto de estudo; e, finalmente, o temporal, no qual, a autora estabelece o conceito de mês artificial (HERSCOVITZ, 2010) para poder ter uma isonomia na seleção dos objetos analisados.

Os embasamentos para a estruturação da metodologia são uma cartografia de referenciais consagrados nas pesquisas de áudio como a Análise de Conteúdo de Bauer (2002) e Bardin (2006) e na Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) que tipifica em unidades as diversas mídias como texto, som, imagem, tempo e edição (SILVA 2022). Para realizarmos a Análise Audioestrutural, temos que efetivar a catalogação do tema, definindo claramente o conteúdo coletado e realizando as conexões com os aspectos previamente pesquisados analiticamente, no nosso caso, as condições de trabalho dos fotojornalistas, que vimos uma tendência com a convergência digital na seção anterior, e estabelecer paralelos com a realidade brasileira descrita no podcast.

Para nossa análise em especial, faremos uma “adaptação” na metodologia, especificamente no segundo ponto, o documental. Como estamos procurando traços sobre

o atual mercado de trabalho do fotojornalista no podcast “Boletim do Martin”, alguns dos 27 episódios não abordam somente o fotojornalismo⁴, então, até pela extensão dos episódios e volume de material que teríamos, vamos realizar um recorde mais segmentado, em que confrontaremos falas de fotojornalistas com as referências bibliográficas que analisamos na seção anterior.

Assim, realizaremos uma análise geral sobre as características do podcast, seus temas, apresentação, estrutura, tipo, periodicidade, duração, espaço de circulação, plataformização, participação, design do programa e associação, considerando a tipologia de classificação de áudio estabelecida por Silva (2022). Dessa forma, serão analisados 4 episódios, dois sobre as condições de trabalho e remuneração de fotojornalistas e outros dois sobre aspectos de segurança na realização das pautas.

Vale ressaltar que a metodologia de Análise Audioestrutural do Podcast se propõe a “uma hibridização dos aspectos quantitativos e qualitativos para o desenvolvimento da pesquisa” (SILVA, 2022). Assim a metodologia se torna atrativa para se trabalhar tanto com grande volume de episódios quanto com produções de áudio de curta duração, que é no caso nosso objeto de pesquisa.

3.1 BOLETIM DO MARTIN: CONVERSAS SOBRE O COTIDIANO DO FOTOJORNALISMO BRASILEIRO

O “Boletim do Martin” foi lançado em março de 2021 com duração até outubro do mesmo ano, geralmente lançado as sextas-feiras, o podcast tinha como objetivo estabelecer um diálogo entre profissionais da fotografia e apresentar seus cotidianos e dilemas (BOLETIM DO MARTIN, 2021).

“E tenho a honra de apresentar pra vocês o Boletim do Martin. O podcast de fotografia para inglês ver. Você pode não ter entendido esse nome, mas segura aí que eu vou te explicar. A referência é uma homenagem ao fotógrafo inglês Martin Parr” (BOLETIM DO MARTIN, 2021). Assim iniciava, em junho de 2021, no meio da pandemia da COVID-19, um dos pouquíssimos podcasts que tratam exclusivamente de fotojornalismo e fotografia documental. Essa foi uma brevíssima apresentação, feita pelo também fotojornalista Pedro Chevadar, que no seu primeiro episódio apresentou o

⁴ Foram abordados temas sobre fotografia esportiva, artes, curadoria e fotografia documental (BOLETIM DE MARTIN, 2021).

fotógrafo esportivo Beto Muller, atualmente fotógrafo oficial do Corinthians Basquete no interior de São Paulo.

O podcast teve a duração do período de um ano, além dos 27 episódios, Boletim de Martin, contou com 6 episódios extras, 5 eram os especiais “#Que história é essa?”, que contavam “os bastidores das fotografias: como elas são feitas, o clima do local, os pensamentos do fotógrafo” (BOLETIM DO MARTIN, 2021), num relato em primeira pessoa de uma pauta e seus desdobramentos. E um episódio especial sobre “A violência contra a imprensa no #3J”, episódio que aborda o protesto de 3 de julho de 2021 em São Paulo e a violenta abordagem da polícia militar contra a imprensa pela ótica de fotojornalistas agredidos por militares na cobertura.

Grande parte dos 27 episódios apresentados, 16 deles foram fotojornalistas entrevistados, o que representa 59,26%, eles se consideram primeiramente fotojornalistas e documentaristas, os que se declararam vinculados prioritariamente a fotografia documental representam 5 episódios, algo em torno de 18,56% dos episódios apresentados. Em menor escala os entrevistados são artistas: 3 episódios, 11,11%; fotógrafos de esporte, foram 2 episódios, 07,41% e 1 episódio cuja entrevistada foi uma curadora, representando 3,70%.

Nessa pesquisa iremos abordar especificamente 4 episódios: 2 sobre o tema trabalho em fotojornalismo (Eps. #17 e #26) e outros 2 sobre segurança em cobertura de pautas (Eps. #06 e #A violência contra a imprensa no #3J). O critério de seleção foram prioridade dos temas nas entrevistas abordadas no podcast. Nos episódios #17 e #26 o tema de condições laborais em fotojornalismo ocupa um pouco mais da metade de ambos os episódios. E no episódio #06 e o especial #A violência contra a imprensa no #3J é o assunto prioritário na produção audiofônica.

O podcast Boletim de Martin foi concebido de maneira independente pelo seu próprio narrador, Pedro Chavedar, fotojornalista e repórter da cidade de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo. Toda a produção, edição, narração e finalização foi realizada por ele. A grande maioria dos entrevistados são pessoas do círculo profissional do narrador, o que facilitou muito o contato e a desenvoltura dos mesmos a relatar suas experiências. A estrutura dos episódios é basicamente o narrador, Pedro Chavedar, que conduz uma conversa com o entrevistado, é perceptível que, apesar do tom informal da entrevista, o condutor tem um amplo conhecimento sobre o trabalho do fotógrafo, bem como seu percurso na carreira.

Os temas em grande parte dos episódios envolvem o histórico do entrevistado como fotógrafo, como enxerga a profissão e as motivações para seu trabalho com a imagem, além de relatos de vivências e experiências, bem como percepções sobre os variados contextos em volta da fotografia. Como o programa durou menos de um ano, ele não pode desenvolver e diversificar em outros temas e entrevistados, no entanto, Boletim de Martin contemplou fotógrafos de diversas partes do país, trazendo suas experiências e vivências em diferentes terrenos e temas, todos no Brasil.

A periodicidade do programa era semanal, geralmente lançado às sextas-feiras, com duração média de uma hora, foi disponibilizada nas plataformas *Spotify*, *Podtail* e *Apple Music*⁵. O programa não possui site próprio, sendo nativo nas plataformas musicais, em relação a outras redes sociais, tem um perfil no Instagram @boletimdomartin onde eram anunciados os entrevistados e quando um episódio estava no ar.

Sobre a minutagem de duração do podcast, segundo a Agência Nacional de Cinema (ANCINE), as obras videofonográficas podem ser de curta metragem, igual ou inferior a 15 minutos, média metragem, maior do que quinze minutos e inferior a setenta minutos e longa metragem, com duração maior de 70 minutos (ANCINE, 2004). O Boletim de Martin se enquadra na categoria de média metragem, com a média dos episódios durando 50 minutos, a exceção dos especiais que era mais curtos, 10 a 25 minutos.

Sobre a visualidade do projeto, é bem simples, a capa nas plataformas de *streaming* de áudio e *Instagram* e uma arte que apresenta o rosto do fotógrafo documental Martin Parr⁶ que é o foco principal da imagem, por conta de seu potente trabalho leva o título do podcast.

Figura 1 - Capa do podcast

⁵ Apesar do podcast ser de 2021 ainda se encontra disponibilizado todos os episódios nas plataformas de áudio. Acesso em 25 de fev. de 2024.

⁶ Martin Parr (Inglaterra, 1952) é um renomado fotógrafo documentarista britânico conhecido por seus projetos fotográficos que oferecem uma visão satírica de aspectos da vida moderna. Parr em seus trabalhos explora os conceitos de lazer, consumo e comunicação por várias décadas em suas viagens ao redor do mundo. É membro da famosa agência de fotografia Magnum Photos (PARR, 2024).



Fonte: Spotify (2021)

O fundo da imagem é uma vibrante colagem que combina cidade moderna com arranha-céus num e um campo de flores colorido, isso mostra seu contato íntimo com “kitsch”, representado com amplitude na sua obra. As palavras “BOLETIM DO MARTIN” estão em texto branco em um fundo azul turquesa na parte inferior da imagem, marcando como título. Logo abaixo, há outro texto que diz “fotografia para inglês ver”, fazendo um trocadilho com expressão idiomática brasileira com a naturalidade do fotógrafo, sendo esse o slogan do podcast. A mesma arte permanece na capa dos episódios bem como no *Instagram*, a única rede social que o podcast tem um perfil, e a foto dos convidados estão em preto e branco e coloridas.

Quadro 1: Estrutura do podcast Boletim do Martin

Identificação do podcast	
CATEGORIA	UNIDADE
Ano	2021
Estrutura	Entrevista / Debate
Espaço de circulação	Multiplataforma
Tipo	Única temporada
Periodicidade	Semanal
Apresentação	Pedro Chevadar
Participação	Espontânea simples
Plataformização	Instagram
Duração	Média
Design do Programa	Capa temática com retrato entrevistado
Associação e vínculos	independente

Fonte: O autor (2024)

Ao estabelecer o primeiro quadro de análise do Boletim, verificamos que conta uma estrutura básica de entrevista bem definida que se permanece no decorrer dos episódios. Muitos dos entrevistados, inclusive o apresentador, iniciaram suas carreiras na fotografia durante os protestos de 2013. Então, se torna uma marca vivida realizar menções sobre esse momento, cujo em muitos momentos é citado como “geração de fotojornalistas de 2013” (BOLETIM DE MARTIN, 2021).

Enquanto a relação com o público, detectamos algumas inferências no decorrer do episódio, no entanto não vimos marcas explícitas em posts do *Instagram* do podcast, além de menções de ouvintes pelo narrador por mensagens privadas. E dentro do podcast em si não há interação com público ouvinte, o formato é de entrevista/debate entre o condutor e entrevistado.

Durante a análise geral dos episódios, a relação da intensidade dos protestos de 2013 foram abordados muitos aspectos como segurança laboral, precariedade de remuneração, estabelecimento de espaço ativo no mercado de trabalho. Em pelo menos 4 episódios foram abordadas temáticas como a rede de relações para obter contatos de editores para realizar ou oferecer pautas, mostrando que o mercado brasileiro de fotojornalismo tem para os *freelancers* é complexo e restrito.

Mesmo com a estrutura bem definida os episódios contavam com uma descrição do entrevistado, o meio que ele atua, histórico de trabalho, bem como especialistas em suas áreas, (KISCHINHEVSKY; CHAGAS, 2017). Participaram muitos nomes consagrados no meio da fotografia atual, mas também tinham entrevistados que estavam em começo de carreira. Segundo Pedro Chevadar, ele não quis convidar para esse projeto “o grande escalão da fotografia nacional” (CHEVADAR, 2024), e sim buscou profissionais que mesmo que estejam bem posicionados, mas eram nomes em ascensão na fotografia e muitas promessas que estava surgindo.

Quadro 2: Fonte geral de episódios 1

Fonte dos episódios	
CATEGORIA	UNIDADE
Temas	Público-social - Trabalho em fotojornalismo (Eps. #17 e #26)
Fonte	Identificação dos convidados
Quantidade de episódios	2

Classificação de fonte	Notáveis (2)
-------------------------------	--------------

Fonte: O autor (2024)

Nesses episódios, Boletim de Martin, entrevistou dois fotojornalistas de regiões distintas do Brasil, Anselmo Cunha, gaúcho da cidade de Porto Alegre e Jardiel Carvalho de Arioeses (MA) mas mora desde os 15 anos em São Paulo capital. Ambos começaram suas carreiras durante as manifestações de 2013 e começaram suas carreiras no fotojornalismo através da prática, e se estabeleceram na profissão como grande parte dos profissionais da área, pela informalidade, mesmo tendo a formação em jornalismo.

Ambos episódios duraram 57:09 (#17 Anselmo Cunha) e 69:00 (#26 Jardiel Carvalho). Ambos na mesma estrutura de debate com apresentação dos fotojornalistas e debate sobre sua trajetória, estilo conversa informal com inferências do apresentador. Anselmo já trabalhou em diversas modalidades de contrato com o fotojornalismo, da assessoria de institucional à agência de notícias e jornais. Jardiel, sempre atuou na área como *freelancer* também para agências de fotojornalismo e na Folha de São Paulo, onde atualmente presta serviços. Ambos deixam claro que as condições de trabalho são desafiadoras.

Em conexão ao relatório promovido pelo prêmio *World Press Photo*, financiado pelo instituto Reuters, “The State of News Photography: The Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age” de 2015, aponta que apesar das baixas recompensas financeiras, dos desafios da carreira e riscos físicos, os dados aferidos indicam um grande grau de satisfação profissional, expressão criativa e recompensa pessoal. Cerca de 2/3 dos entrevistados declararam esta felizes com sua profissão (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015).

No entanto, existe uma apreensão sobre as novas configurações de trabalho, o relatório (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015) em consonância a fala dos fotojornalistas, afirma que os entrevistados vivem arranjos de trabalho mais versáteis, mas também um aprofundamento na precariedade dos contratos e pressão na entrega de melhores resultados, gerando aumento de stress, sentimento de insegurança e de problemas de saúde e a clara insistência para os *freelancers* de qualquer suporte médico e psicológico nesse sentido. Enfim, a precariedade da vida física na era digital entre os produtores criativos. Esse sentimento é apontado diversas vezes nas falas de Anselmo Cunha e Jardiel Carvalho, esse último, fundou com amigos o coletivo fotográfico R.U.A,

como uma forma de resistência, contra a exploração financeira dos baixos preços pagos pelas agências de fotojornalismo (BOLETIM DO MARTIN, 2021).

Um grande dilema apontado pelos entrevistados, inclusive também com contribuições do apresentador, e sobre os baixos valores pagos as agências de fotojornalismo, Futura Press⁷ e outras. Pois no processo de convergência, novas modalidades de contratos de trabalhos permanente ou não surgiram, bem como a flexibilização dos valores pagos, prejudicando circunstancialmente trabalhadores *freelancers* de fotojornalismo.

Quadro 3: Fonte geral de episódios 2

Fonte dos episódios	
CATEGORIA	UNIDADE
Temas	Público-social - Segurança em cobertura de pautas (Eps. #06 e #A violência contra a imprensa no #3J)
Fonte	Identificação dos convidados
Quantidade de episódios	2
Classificação de fonte	Notáveis (4)

Fonte: O autor (2024)

Nos episódios #06 e #A violência contra a imprensa no #3J⁸ são episódios de mostram claramente as extremas situações que os fotojornalistas ficam expostos em sua cobertura. Nos dois episódios em análise são diferentes em estrutura. Enquanto o ep. #06 com a entrevista de repórter fotográfico Raphael Alves, faz parte da grade como um todo do podcast, o ep. #A violência contra a imprensa no #3J é um especial feito exclusivamente para falar do ataque direto que a imprensa sofreu durante as manifestações.

Pedro Chevadar abre o episódio 6 com suas falas iniciais, que quase pode ser considerada uma vinheta, pois abre a transmissão apresentando o podcast e o entrevistado, Raphael Alves, natural de Manaus, o repórter atuou nos principais jornais da cidade, e

⁷ Agência de fotojornalismo fundada em 2000, que segundo seu site “é a maior agência independente de fotografia do Brasil. (...) publicando fotos das notícias mais importantes do dia em portais, jornais e revistas de todo o país.” (PRESS, 2024). A agência se notabilizou por ser uma das maiores distribuidoras de fotografias “hard news” durante esse período. Em funcionamento até o ano de 2021, a agência se tornou conhecida tanto pela cobertura de notícias quanto pelos baixíssimos valores pagos aos seus colaboradores.

⁸ Um especial de 37:10 minutos sobre o protesto “Fora Bolsonaro” ocorrido no dia 03/07/2021, em São Paulo, onde a polícia militar atacou diretamente vários jornalistas e repórteres fotográficos na Av. Paulista durante a manifestação.

atualmente colabora para Agência EFE e é fotógrafo do Tribunal de Justiça do Amazonas. Em uma conversa de em torno de 72:00 minutos, o fotógrafo fala durante a primeira metade do podcast do seu percurso pelo fotojornalismo, desde as primeiras pautas até coberturas mais profundas e de seu trabalho autoral, além da formação acadêmica que possui (Especialista em fotografia pela Universidade Estadual de Londrina e Mestre em Fotojornalismo e Fotografia Documental na University of the Arts, em Londres).

Na segunda parte do episódio, Raphael Alves, explica detidamente toda sua cobertura da COVID-19 na cidade de Manaus, que foi um dos maiores epicentros da pandemia no Brasil, as imagens dessa cobertura fazem parte do projeto autoral “Insulae”. Em sua fala, relata as grandes dificuldades de cobertura, por conta das distâncias homéricas na cobertura na floresta amazônica, e de restrito acesso a terras indígenas. Além disso, ele explicou como a pandemia o impactou fortemente, pois ao mesmo tempo que realizava a cobertura jornalística do caos social instaurado pela COVID em Manaus, pessoas morrendo em suas casas e sendo enterradas em valas comuns no cemitério, em seu círculo pessoal, familiares doentes e infectados e um deles chegando ao extremo de ser internado e entubado (BOLETIM DO MARTIN, 2021).

Mesmo a cobertura da COVID-19 ser um ponto atípico para as coberturas jornalísticas, trabalhar nesse período deixou um profundo impacto psicológico e emocional nos profissionais que estavam na linha de frente. Raphael Alves veementemente enfatiza isso na sua fala, emocionada, de ver gente próxima falecendo e tento que manter a sanidade para manter a cobertura. Mesmo além da situação da pandemia, os fotojornalistas se veem muito mais expostos a impactos físicos e emocionais que o restante de outras categorias de trabalhadores de imprensa (HADLAND; CAMPBELL; LAMBERT, 2015; HADLAND; BARNETT, 2018).

O segundo episódio, um especial sem um entrevistado como tema, conta inicialmente com uma trilha sonora mais tensa e delicada que diminui e toma a voz do apresentador, Pedro Chevadar, que em tom grave narra:

Sábado, 03 de julho, milhares de pessoas foram para as ruas pedir a saída do presidente Jair Bolsonaro. Obviamente em São Paulo não seria diferente, milhares de pessoas se reuniram no MASP, na Av. Paulista contra o Bolsonaro. Havia partidos políticos, dezenas de movimentos sociais, pessoas independentes e claro a imprensa. Dezenas de fotógrafos percorriam a avenida atrás de suas imagens. Desde 2013 é muito comum fotógrafos e fotógrafas nos protestos, é supernormal ficar perto do acontecimento (...) Dentro desse cenário muita das vezes a imprensa acaba sofrendo repreensão (BOLETIM DO MARTIN, 2021).

Esse relato de abertura, que se estende explicando que desde esses protestos de 2013 que se iniciaram em São Paulo, era bem comum a presença da fotógrafos de jornais, sindicatos, movimentos sociais, como também de gente amadora que buscava registrar o momento que o país vivia. Esse protesto em especial, os fotojornalistas que deram sua fala, Jardiel Carvalho, Amauri Nehn e Karina Iliescu relataram que essa manifestação tinha com os focos de repreensão os próprios jornalistas. Jardiel, levou uma pedrada na cabeça, que por sorte ricocheteou a máscara de acrílico que cobria o rosto e a pedra infelizmente atingiu a mão e o deixou ferido; Amauri Nehn teve o equipamento de fotografia quebrado por um guarda da segurança do metrô, amigos fizeram uma vaquinha online para tentar comprar novo equipamento; e a Karina presenciou ataques das forças policiais e seguranças em confronto aberto, com manifestantes e profissionais de imprensa.

No relatório “The State of News Photography 2018: photojournalists attitudes toward work practices, technology and life in the digital age” (HADLAND; BARNETT, 2018), aponta que desde o primeiro relatório encomendado, em 2015, já apontava que existiam índices dramáticos de preocupação dos fotojornalistas em relação a sua segurança pessoal durante a cobertura de pautas. No mais recente estudo, 91% dos entrevistados se sentem em risco durante a jornada de trabalho (HADLAND; BARNETT, 2018).

Em torno de 42 % dos entrevistados indicaram terem bastante preocupação com risco de lesões físicas ou de morte durante as pautas e mais da metade acredita que esse risco só tende a aumentar com decorrer dos anos. Mas como verificado na análise dos dois primeiros episódios, mesmo com esse índice alto de insegurança, a grande maioria dos profissionais, 62%, se considera feliz executando suas funções na fotografia mesmo com todas as adversidades (HADLAND; BARNETT, 2018).

Dessa forma, entendemos que os profissionais que estão na linha de frente na cobertura cotidiana do fotojornalismo no Brasil sentem os mesmos anseios e tem as mesmas preocupações que a tendência capitada pelos relatórios do estado dos profissionais do fotojornalismo pelo mundo, promovido pelo Instituto Reuters nos anos de 2015, 2016 e 2018 e que houve uma tendência crescente de adaptação a uma nova realidade da convergência digital.

Mesmo com essa compreensão dos desafios, os profissionais têm uma íntima relação com a profissão, a vendo não somente como um emprego para obter renda e sim como um objetivo de vida, isso explica muitas coberturas relatadas pelos entrevistados no podcast Boletim do Martin, sobre projetos autorais nas quais não ganham nenhuma remuneração direta.

Vale lembrar que o fotojornalismo é uma profissão cujo cenário brasileiro é híbrido onde tem ao mesmo tempo uma intensa exposição as inovações tecnológicas e ao mesmo tempo uma precarização nas relações de trabalho, “a experiência de trabalho de jornalistas brasileiros é a de operar no que chamamos de espaço mestiço ou miscigenado (...) há sempre diferentes padrões de interações das mídias jornalísticas com os interesses” (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

CONCLUSÕES

Existem muitos estudos sobre o jornalismo e seus impactos diretos nos modos de produção e recepção. No atual momento da globalização que vivemos, é incerto arriscar em apostas no futuro do jornalismo, temos em nossa frente um futuro obscuro sem claras repostas (ZELIER, 2016) e não podemos prever o quanto a convergência irá nos afetar. Não se previa nos anos 2000 que fotojornalistas em 2024 usariam aparelhos voadores não tripulados, os famosos drones, para realizar fotografias em ângulos que antes eram bem difíceis de chegar.

Entender as mudanças que a convergência impõe ao fotojornalismo é compreender que chega de maneira intensa e complexa a todo ecossistema do jornalismo. Dessa forma, as pesquisas em jornalismo não são uma “bola de cristal” para nos antever as possíveis mudanças que a classe irá vivenciar, mas podem sinalizar tendências. Para isso, é necessário estabelecer fortes pontes entre profissionais, pesquisadores e docentes de jornalismo (ZELIER, 2016) para frutíferas e necessárias trocas.

Por mais que se tenham abundantes pesquisas sobre jornalismo e os desafios que os profissionais vivenciam, se faz importante ressaltar a necessidade de aprofundamento das investigações sobre esses impactos aos repórteres fotográficos, sua função ser ligada a visualidade, traz singularidades que as pesquisas em outras áreas do jornalismo podem não contemplar, isso não exclui que nos últimos 10 anos as pesquisas nas áreas estejam mais abundantes e aprofundadas.

Outro ponto importante a ressaltar é a escassez de fontes de informação primárias sobre os fotojornalistas é uma profissão que apesar de trabalhar com a imagem, há pouca visibilidade no meio social. No Brasil, o podcast Boletim do Martin, foi o único a se dedicar quase em sua totalidade ao fotojornalismo e a fotografia documental. Demais produções sobre fotografia são mais ligadas a uso de equipamentos ou outros ramos mais comerciais da área. Por conta disso o podcast é uma rica fonte de informação, pois uma geração inteira de fotojornalistas fornece relatos pormenorizados sobre suas metodologias de trabalho, situações laborais, projetos autorais e afins. Existem ainda diversos aspectos a se investigar desta produção audiofônica.

As tendências mundiais em fotojornalismo e a realidade brasileira se cruzam, vimos pelos relatórios do estado da fotografia de notícias que muitos aspectos verificados mundialmente se cruzam com a realidade brasileira como precarização nas relações de trabalho e fragilizada da segurança do profissional em pautas. Além disso, mesmo com essas adversidades vividas, os profissionais entrevistados no podcast Boletim de Martin, tem apreço enorme a profissão, ao ponto de ter relações não financeiras com determinados projetos e coberturas.

REFERÊNCIAS

ANCINE. **Instrução Normativa N.º 23, de 28 de janeiro de 2004**. 1. ed. Brasília, DF: Brasil, 28 jan. 2004. Disponível em: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/node/5016>. Acesso em: 08 mar. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BOLETIM DO MARTIN. [Locução de]: Pedro Chavedar. Mogi das Cruzes: Spotify, 1 jun. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6AHXCdGo5ZeMkV1qTfpZP3si=e78ea4b14b0e450d>. Acesso em: 3 mar. 2024.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. Introdução: Natureza e transformação do jornalismo. Capítulo 3 – **As mutações do jornalismo: modelo explicativo e orientações metodológicas**. In: Natureza e Transformação do Jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2016, p. 27-64 e 123-160.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em 24 set. 2021.

DEUZE, M. **What is journalism?** Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*. November 2005 vol. 6 no. 4 442-464.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **O que o jornalismo está se tornando?** *Parágrafo*, v. 4, n. 2, jul/ dez, 2016. p. 7-21.

HADLAND, Adrian; CAMPBELL, David; LAMBERT, Paul. **The State of News Photography: the lives and livelihoods of photojournalists in the digital age**. Oxford: University Of Oxford, 2015. 76 p. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/state-news-photography-lives-and-livelihoods-photojournalists-digital-age>. Acesso em: 02 mar. 2024.

HADLAND, Adrian; BARNETT, Camilla. **The State of News Photography 2018: photojournalists attitudes toward work practices, technology and life in the digital age**. Oxford: University Of Stirling, 2018. 27 p. Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/education/research/the-state-of-news-photography-2018>. Acesso em: 08 mar. 2024.

HADLAND, Adrian. **Photographers are struggling with money, ethics, and work in the digital age: our new research report**. our new research report. 2018. Disponível em: <https://witness.worldpressphoto.org/photographers-struggling-with-money-ethics-work-in-the-digital-age-new-2018-study-9c7613ba926>. Acesso em: 06 mar. 2024.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Fazer Jornalismo)

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Nilson. No grau zero de um mundo futurista ou de um passado tenebroso. In PEREIRA, Fábio Henrique.; ROCHA, Paula Melani; GROHMANN, Rafael; LIMA, Samuel P. **Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2020.

LIMA, Samuel Pantoja; MICK, Jacques (et al). **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2021. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

PARR, Martin. **Introduction**. Disponível em: <https://www.martinparr.com/introduction/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

PRESS, Futura. **Apresentação**. 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/futura-press-stock/about/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

SALAVERRIA, Ramón. Estructura de la convergencia. In: LÓPEZ GARCÍA, Xosé; PEREIRA FARIÑA, Xosé (Ed.) **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación em España**. Santiago de Compostella: Universidad de Santiago de Compostella, 2010.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes de podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural**. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. **O fotojornalismo depois da fotografia: Modelos de configuração da cadeia produtiva do fotojornalismo em tempos de convergência digital** [S.l.], 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STEENSEN, Steen; AHVA, Laura. **Theories of Journalism in a Digital Age**, *Journalism Practice*, 9:1, 1-18, DOI: 10.1080/17512786.2014.928454, 2015.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã José Vaz. **Categorização de podcasts no Brasil**: Uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. In: *Anais do 13º Encontro Nacional de História da Mídia*, 2021. Disponível em: <https://alcarnacional2021.com.br/>. Acesso em: 14 jan. 2024

ZAMITH, R.; BRAUN, J. A. Technology and journalism. In: VOS, T. P.; HANUSCH, F. (Eds.). **The International Encyclopedia of Journalism Studies**. New York: JohnWiley & Sons, 2019.

ZELIZER, Barbie. Going beyond disciplinary boundaries in the future of journalism research. In: LÖFFELHOLZ, M; WEAVER, D. **Global Journalism Research: Theories, Methods, Findings, Future**. Wiley Blackwell, 2009, p. 253-266.ap